

EDUCAÇÃO

Proposta para o novo modelo de exame, que será implementado a partir de 2024, remete aos antigos vestibulares de universidades federais, com duas etapas, uma delas com questões abertas



Estudantes na entrada das provas do Enem: novo modelo que deve ser adotado em 2024 prevê que a produção de texto ganhará ainda mais importância

A velha cara DO NOVO ENEM

JUNIA OLIVEIRA
Especial para o EM

O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) tomará outros rumos em 2024, quando o novo ensino médio estiver plenamente implementado em todas as escolas brasileiras. Mesmo com parecer já emitido pelo Conselho Nacional da Educação (CNE) e os primeiros contornos da proposta revelados, nada ainda está definido. Pelo contrário, esses são os primeiros passos de um longo debate, abafado pelas apurações sobre desvios e corrupção no Ministério da Educação (MEC). As primeiras discussões dão como pista um Enem com questões abertas, em duas etapas, prestes a retomar antigas fórmulas de avaliação e com a cara do velho vestibular de universidades federais, como o da UFMG. Nessa reformulação, as instituições de ensino superior também poderão ganhar mais voz, ressumindo papéis decisivos na seleção de seus futuros alunos.

Especialistas defendem que é preciso atualizar o Enem para acompanhar o novo ensino médio, ditado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), cujo papel é garantir direitos comuns e fundamentais a todos os estudantes. Nos novos moldes da última etapa da educação básica, alunos de todo o país terão uma formação comum básica e a possibilidade de aprofundar em áreas de maior interesse — os itinerários formativos, trilhas que os adolecentes vão percorrer dentro de seu projeto de vida. A proposta do novo Enem foi pensada por um grupo de trabalho constituído em julho do ano passado e representado pelas secretarias de estado de Educação, MEC, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), CNE e escolas privadas.

De acordo com a proposta apresentada pelo MEC e o parecer do CNE, o Enem será feito em duas etapas e a produção de texto ganhará ainda mais importância. A ideia inicial é ter uma primeira etapa com questões de múltipla escolha, com os conteúdos da formação geral e redação, e uma segunda relacionada aos itinerários formativos. Dessa forma, o estudante escolherá as provas da segunda fase de acordo com a área vinculada ao curso superior que pretende cursar. As instituições de ensino superior deverão considerar para sua seleção os resultados de ambas as etapas, quando for o caso.

O processo remoto ao vestibular de universidades federais antes do Enem ser adotado como forma de seleção. Até 2009, a UFMG, por exemplo, tinha um processo em duas etapas. Na primeira, os candidatos a todos os cursos faziam provas de múltipla

“ A seleção não pode impedir a formação, como ocorre hoje. O Enem exige que o aluno saiba tudo sobre tudo. Ou seja, saber algo muito superficial sobre muita coisa. É preciso conhecimento sobre elementos que caracterizam a formação ”

■ José Francisco Soares, professor emérito da UFMG, ex-presidente do Inep e doutor em educação

tipla escolha de todas as disciplinas, mais redação. Aqueles com maior pontuação eram classificados para a segunda etapa e faziam as provas das matérias específicas da área do curso pretendido, respondendo a 10 questões discursivas. Assim, candidatos a uma vaga em medicina tinham questões abertas de biologia, química, língua portuguesa e literatura brasileira. Nas engenharias, a ênfase era em física, matemática, química, língua portuguesa e literatura brasileira. Os conhecimentos sobre a língua materna e as exatas ganhavam em peso e dificuldade de acordo com cada área.

Para o novo Enem, são propostos quatro blocos de cursos e áreas. Os candidatos a administração, direito e pedagogia, por exemplo, poderão fazer provas de geografia, história, linguagens e ciências humanas e sociais. Aqueles de olho em cursos de engenharia elétrica, biomedicina e medicina veterinária fariam testes abertos de matemática e ciências da natureza. Quem quer uma cadeira em engenharias de computação e controle e automação teria a opção de responder às questões abertas

de matemática e ciências humanas e sociais. O quarto bloco é composto por cursos da área de saúde, turismo e teologia, com provas de ciências da natureza e ciências humanas e sociais.

TÉCNICO Para estudantes que optaram pelo curso técnico em seu itinerário formativo, o MEC pretende sugerir uma tabela de ponderação. O secretário de Educação Básica do MEC, Mauro Rabelo, ressalta que a existência de 215 cursos técnicos no país em 13 eixos tecnológicos impede a formação de blocos de área de conhecimento específicos. Por isso, nesses casos, estudantes que seguirem a graduação de acordo com seu curso “A nota terá uma ponderação de acordo com a aderência da formação técnica ao curso superior pretendido. É uma proposta para valorizar a formação técnica de quem de fato quer ir para educação superior também”, afirma. O MEC afirma que vai preparar tabela sugestiva de ponderação.

Ninguém discute que é preciso adequar o processo à nova realidade do ensino médio. Resta saber como fazê-lo e como aparar pontas atualmente soltas. Professor emérito da UFMG, José Francisco Soares, ex-presidente do Inep e doutor em educação é enfático: “A seleção não pode impedir a formação, como ocorre hoje. O Enem exige que o aluno saiba tudo sobre tudo. Ou seja, saber algo muito superficial sobre muita coisa. É preciso conhecimento sobre elementos que caracterizam a formação”, afirma. “A seleção, que já é complicada, tem que ter a cara da universidade. Diferentes projetos podem ter diferentes demandas. E o melhor é que diferentes projetos colaborem entre si, porque a seleção impacta em tal maneira a formação que se eu doo de forma errada a seleção, inviabiliza a formação”, pondera.

Mais poder para as universidades

Num Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) em duas fases, as notas da segunda etapa poderão ter papel decisivo para carimbar o acesso à graduação. Isso porque vários cenários têm sido desenhados para deixar universidades, faculdades e centros universitários com caminho livre para a seleção de seus calouros. No modelo apresentado pelo Ministério da Educação (MEC), as instituições de ensino superior terão prerrogativa de fixar

“ Acredito que agora haverá mais habilidades na primeira fase e, na segunda, essa estrutura caminha para um equilíbrio entre habilidades e conteúdos ”

■ Marcos Raggazzi, diretor executivo das unidades escolares do grupo Bernoulli

nota mínima para a primeira etapa e para a redação para o ingresso em seus cursos. Também lhes será facultada a atribuição de pesos diferenciados aos blocos da segunda fase.

Não é a primeira vez que o Enem passa por transformações. Em 2009, quando o exame se expandiu como porta de acesso à graduação, passou a cobrar dos alunos, para além de habilidades, um nível de conhecimento maior dos conteúdos das áreas, como forma de contemplar uma exigência das universidades federais. “Acredito que agora haverá mais habilidades na primeira fase e, na segunda, essa estrutura caminha para um equilíbrio entre habilidades e conteúdos”, afirma o diretor executivo das unidades escolares do grupo Bernoulli, Marcos Raggazzi.

O professor emérito da UFMG José Francisco Soares lembra que resolução do CNE diz que universidades podem escolher só a primeira etapa como forma de seleção. “Muitos cursos, como administração, poderiam ter alunos escolhidos nessa modalidade sem dificuldade, permitindo às universidades terem uma segunda etapa menor. A UFMG tem alguns cursos muito competitivos, como ciências da computação, nos quais dois ou três candidatos por vaga poderiam ir para a segunda fase”, diz. Ele rechaça a ideia do critério de peso nas notas, preferindo a mobilização de conhecimentos e habilidades.

O doutor em educação defende a participação das universidades e a aplicação

de provas em consórcio de forma que alunos não aprovados não precisem repetir a primeira fase — o que geraria economia na aplicação do exame. “O mais importante é que as universidades venham, se comprometam e não ponham a dificuldade técnica como dificuldade de o jovem desenvolver algo fundamental, que é a capacidade de escrever e raciocinar.”

Ele ressalta a importância de questões abertas na segunda etapa, uma vez que a formação “não pode ser de múltipla escolha”. “Decisões da seleção devem ser tomadas cuidadosamente. Ênfases são importantes, mas também a forma. Precisamos de questões abertas, porque isso gera nota na pedagogia e na formação”, destaca. Para Soares, o passo demorou a ser dado e precisa ser ampliado. O professor defende protótipos de modelos, discussões em cima de casos concretos junto com ONGs, escolas, secretarias estaduais para que um grupo limitado de pessoas não tome as decisões. “A ideia da primeira etapa é boa e necessária, porque permite ao ensino médio se organizar para a formação do estudante sem ser violentado pela seleção. Faltava, entretanto, muita clareza. Se o país fosse sério, não existiria audiência pública sem um protótipo.”

VESTIBULAR Marcos Raggazzi compara o novo ensino médio aos cursos de uma universidade, com suas disciplinas obrigatórias, opcionais (do próprio curso) e eletivas (possíveis de serem feitas em outros cursos). Para ele, sem uma primeira fase no Enem, impossível medir o que o aluno desenvolveu verdadeiramente em relação à base. E sem a segunda, perde-se em sentido. “Em duas fases, o exame valoriza a BNCC e os itinerários formativos.”

Mas, mesmo se o novo Enem tem a cara dos vestibulares, Raggazzi chama a atenção para uma diferença crucial: o antigo modelo de seleção era associado apenas aos conhecimentos das disciplinas, e não às habilidades, o que é priorizado no Enem atual e será também o foco da avaliação no futuro. “Conteúdo é apenas um meio pelo qual se consegue inferir as habilidades dos alunos. Inferir, relacionar, comprar, deduzir, extrapolar, tudo isso pode ser medido. Há hoje uma matriz que fala das habilidades e será feita uma nova, com a estrutura da BNCC e dos itinerários. Questões discursivas são outro ponto importante, mesmo se a escala de aplicação de provas remonta a milhões de alunos, o que implica adaptações na correção — contratação de grande número de pessoas ou desenvolvimento de inteligência artificial. “O aluno terá que demonstrar habilidade de encadear ideias.”

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Gerais **Página:** 9